

Avisão da Câmara

Andrei Meireles

Formalmente o PMDB absorveu a indicação pelo presidente José Sarney de um líder no Congresso, expressando a aceitação através de frases protocolares sem qualquer vibração. Na realidade, o descontentamento foi contido, mas não superado. Em conversas informais, as resistências persistem e se manifestam de diversas formas. A mais comum é o ceticismo quanto à eficácia de um porta-voz do governo na Constituinte.

O 3º Secretário da Câmara, deputado Heráclito Fortes, um dos parlamentares mais ligados a Ulysses Guimarães, analisava, em conversas em plenário, a questão por um ângulo novo: a coordenação política, que está sendo atribuída a um deputado, deveria ser feita pelo ministro-chefe do Gabinete Civil. Como o presidente Sarney não quer substituir o ministro Marco Maciel, sem diálogo com o PMDB, optou pela criação de um novo cargo.

A avaliação mais comum no PMDB, e até em setores do PFL é que com a sua decisão o presidente Sarney, na prática, liberou os líderes partidários no Congresso da obrigação de defender o governo. O deputado Domingos Leonelli, da esquerda do PMDB, considera isto positivo: o PMDB ficará mais à vontade para explicitar suas posições, desprocurando-se do que pensa o governo.

De uma maneira geral, os políticos do PMDB consideram que, a médio prazo, Sarney vai se arrepender de sua decisão, independentemente das qualidades e da atuação de Carlos Santana. É que, ao tomar uma decisão unilateral, liberou também a bancada do PMDB para atuar como achar melhor.

Passo arriscado

No PMDB há quem considere um passo arriscado, mas competente do presidente Sarney: ele estaria criando as condições para a desestabilização do próprio partido, abrindo espaço para a criação de uma nova agremiação unindo os conser-

vadores do PMDB e o PFL.

Essas análises preencheram ontem as conversas de todas as rodas de políticos do PMDB que se formavam em plenário, nos corredores ou nos gabinetes parlamentares. No dia anterior, à noite, Sarney tinha obtido a aceitação dos deputados Ulysses Guimarães e José Lourenço, do PFL, alegando necessidade vital de indicar um líder de sua integral confiança. Lourenço chegou a ligar para Santana, declarando-lhe: "Embora não fosse a fórmula preferida por nós, conte com o nosso apoio por ser uma decisão do presidente da República".

O próprio Ulysses, que resistia à nova liderança por considerá-la uma manifestação de desconfiança à bancada do PMDB, justificou, ontem, a indicação, comentando que a figura do líder da maioria é prevista no regimento Interno da Câmara e já foi utilizada no passado por diversos outros governos. Mais tarde, ao receber Santana em seu gabinete, fez elogios ao deputado baiano.